



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA:* EXERCÍCIOS POÉTICOS DE *SER CRIANÇA

Elaine da Silva Carvalho Donato
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: lanedonato@hotmail.com

Ricardo Martins Valle
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: rimavalle@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO¹

Neste ensaio, propomos uma leitura do poema “O menino que carregava água na peneira”, um dos três poemas que constituem o livro *Exercícios de Ser Criança* (1999), de Manoel de Barros (1916, 2014)². Através do método de análise de textos – tendo como pressuposto teórico o fenômeno literário em sua relação com a fenomenologia da infância de Gaston Bachelard (1884, 1962) –, buscamos suscitar uma discussão acerca do espaço afetivo-sensorial da infância na obra poética de Manoel de Barros.

Podemos começar dizendo que o livro *Exercícios de ser Criança* versa sobre a prática imaginativa infantil como intervenção da criança sobre a linguagem. Enquanto um *versar sobre*, porém, o poeta persegue e encena – neste livro, como em praticamente toda a sua obra poética – um *devir* criança: não se confunde com ela. A criança, como experiência irrecuperável e como fenômeno de linguagem que se quer recuperar, é para Manoel de Barros um vir a ser da poesia que estrutura seu estado presente de poeta, como um projeto de retorno à plena propriedade da linguagem infantil. Assim, por um gesto de menino, a figuração do menino que “carregava água na peneira” alegoriza seu próprio fazer poético: trazer por meio da linguagem o que lhe escapa. Para o menino como para o poeta, fazer poesia é como “roubar um vento”, ou “catar espinhos na água”, pequenos

¹ O presente trabalho é um desdobramento da dissertação de Mestrado intitulada *A Poética do Espaço da Infância em Manoel de Barros: Os Exercícios de Ser Criança* (2017), defendida na UESB, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL).

² *Exercícios de ser criança* (1999) é o primeiro livro de Manoel de Barros que recebe a classificação infantil/juvenil, impressa na ficha catalográfica, provavelmente, por conveniência editorial. Publicada pela Editora Salamandra, a obra conta com um primoroso trabalho de ilustração, feito com bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávila Dumont sobre os desenhos de Demóstenes Vargas e rendeu ao poeta no ano de 2000, o prêmio de melhor livro infantil da Academia Brasileira de Letras.



feitos de menino emulados pelos exercícios de poeta na linguagem. Sendo mais livre das convenções sociais e movendo-se mais livremente entre as convenções linguísticas, a linguagem infantil, de que o adulto está expulso, é para Manoel de Barros uma língua *naturalmente* poética, isto é, poética *de nascença*. Essa poesia se identifica com a brincadeira, não como um dado da sociabilidade cultural. Faz da linguagem uma modalidade solitária de brinquedo, num sentido subversivo da experiência e da linguagem: desierarquiza a relação sujeito-objeto pelas estratégias de convívio e de fala com que a criança encara as coisas ao brincar. Manoel de Barros faz de seus exercícios poéticos um jogo, ou mais propriamente um brinquedo, avesso a regras. Sugere com isso um certo modo de ser no mundo e uma determinada concepção de linguagem como saídas líricas para o enrijecimento das relações do mundo adulto.

Na poesia de Manoel de Barros, a infância é uma condição subjetiva fundamental como espaço de criação poética. É uma rota invertida de libertação das totalizações e hierarquizações do universo adulto. A leitura dessa poesia é um exercício para o devaneio no sentido de Bachelard (2009). Revividos na imaginação pela poesia, os sentidos primevos da natureza se ativam pelos versos, numa experiência sempre muito nova e sempre imemorialmente antiga, por seu caráter elementar. A infância é o espaço imóvel, sem tempo, e cósmico, entrada única do humano no mundo. Dessa experiência a poesia pode tirar as mais primitivas novidades para os tempos mais duros.

DISCUSSÃO

Exercícios de ser criança (1999) é composto por três poemas, todos entrelaçados por um tema comum – as intervenções da criança na linguagem humana e no espaço do mundo como modelo para um exercício poético realizado como brincar.

“O menino que carregava água na peneira” parece alegorizar a destinação do poeta para a poesia. A profecia, feita pela mãe de *um* menino, contudo, não o confunde imediatamente com o *eu* poético, pois é na terceira pessoa que um *eu* adulto, já dono de livros, narra essa revelação do menino para a poesia:

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira
Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele



para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água

O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos. [...] (BARROS, 1999, n. p.)

Entre os dois, *eu* adulto e *ele* menino, há uma empatia, há até identificação, mas ao menos *ainda não* uma perfeita identidade, a criança é seu devir. Uma certa concepção de fazer poético é codificada pela mãe por variações proporcionalmente despropositadas da ação do menino: “carregar água na peneira” se compara a “roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos”, “catar espinhos na água”, “criar peixes no bolso”, ou “montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos”. Ainda que prevaleça o apelo imaginativo dos versos, a proporção dos despropósitos declarados pode ser apreendida pela análise: em cada caso, os elementos fugidios da água e do ar aparecem circunscritos ou recolhidos por um instrumento ou por um gesto improváveis – o peixe no bolso, a água na peneira, o vento roubado –; ou então, numa ligeira variação na construção das metáforas, os elementos mais densos e duros são suportados pelo elemento mais fluído e sutil – a casa sobre o orvalho, o espinho na água.

Alegoriza-se o fazer poético com metáforas de *impossibilia*, mas num sentido radicalmente diferente do das poéticas clássicas³. Para essa escrita moderna rebuscada de infância, seus preceitos de poética poderiam ser resumidos ao “fazer a pedra dar flor”, pois nela nenhum elemento é estéril de beleza. Ao produzir e justapor séries proporcionais de despropósitos, os augúrios da mãe para os gestos impossíveis do menino ganham coerência e inauguram possibilidades subversivas de sentido, à medida que desestabilizam a racionalidade em favor da sensibilidade poética livre: um propósito de apalpar o impalpável que só é possível no interior do discurso poético e da imaginação

3 Os argumentos por meio de *impossíveis* previstos nas poéticas de viés horaciano pressupunham o nexo temporal ou causal a desmentir a impossibilidade do argumento. Naquele tipo de construção poética prevalecia o incontornável do *possível*: uma afirmação positiva do verdadeiro na verossimilhança contraposto ao negativo inverídico das imagens de *impossibilia*, anacronicamente lidas como “surreais”. A figuração hipoteticamente absurda – *delfins saltarão pelos bosques, cervos singrarão os mares* antes que o nome do marquês tal seja esquecido pela posteridade – admitia-se para atestar a imortalidade da fama, eternizar um feito memorável, para, enfim, perpetuar no curso do tempo a obra de homens brancos, adultos e ilustres.



infantil. Neste sentido, a poesia toda está ligada ao despropósito de “gostar mais do vazio que do cheio”, de considerar os “vazios maiores e até mesmo infinitos”.

Em “O menino que carregava água na peneira”, assim como no poema que o antecede, é o olhar feminino da mãe que profetiza ao menino seu *devir* poeta e revela ao poeta o *devir* menino que deverá orientar sua experiência com a linguagem.

A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens.
E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.
(BARROS, 1999, n. p.)

As maneiras do menino, amparadas pelo olhar compreensivo da mãe, traçam uma série de imagens que expõem a concepção poética da poesia manóelina. As construções do poeta em *devir* menino, a princípio, ilógicas, nascem das concepções e interpretações que a mãe tira da experiência da brincadeira. Com o avanço da vida adulta a brincadeira passa a ser feita primordialmente com as palavras. Os modos do menino sob o olhar augural da mulher assinalam esse homem futuro com a marca de poeta. Desviando-se dos usos rotineiros e dos sentidos utilitários da língua, devolvida ao estado de experiência, sua imaginação tensionaria a convenção, abrindo margens a novas possibilidades de se pensar a palavra, o mundo e o ser-no-mundo em permanente vir a ser. Ao menino se revela que “escrever seria o mesmo que carregar água na peneira”: a lição feminina, dada pela mãe, devaneante, é como que um batismo poético, um ritual de investidura que o sagra como poeta. O gesto-palavra da mãe salva-o do adulto que teria de vir a ser, porque lhe franqueou um tal uso da linguagem que lhe permitiria alinhar as construções ilógicas do menino ao exercício de ser poeta.

Trata-se de um fazer poesia que se assemelha ao simples brincar, resultando num brinquedo poético que registra antes de tudo as conjecturas de um adulto. Em contato com a estabilidade definível das coisas e a consciência fugaz de sua impermanência, esse adulto, como poeta, usa a linguagem pelo impossível vir a ser criança, concebendo a infância como um espaço da experiência e da linguagem, latente como as memórias mais adormecidas, mas presente com um signo de busca e retorno.



CONCLUSÃO

A infância em Manoel de Barros sustenta a invenção pelo devaneio. Por meio da brincadeira com as palavras e da força da língua infantil, possibilita o questionamento na comunhão com o cosmo e com o ser em eterno devir. Muito mais significativa que o ente civil tutelado por adultos, a criança, na poética manoelina, é sujeito da iminência no conhecer, sujeito poético por excelência. É, por isso, figuração da liberdade poética, atravessada de afeto, curiosidade e encantamento diante do mundo e das palavras.

Manoel de Barros demonstra a infância como uma experiência poética, um tempo único da vida em que os limites da liberdade e da criatividade ainda não estão fixados definitivamente, em que o que ainda não foi criado está na iminência de vir a ser. É a condição infantil que dá ao poeta-menino – ao *devir* menino do poeta – a liberdade no uso da língua. No limiar da castração, das estabilizações e totalizações do ser, a infância como a poesia são dimensões em que o ser se sente pleno por encontrar-se na iminência de vir a ser outro; estado paradoxalmente vazio, que subsiste nos sonhos e devaneios, ou se reativa por meio de um certo tipo de poesia, segundo Bachelard.

Por alguns de seus traços, *a infância dura a vida inteira*. É ela que vem animar amplos setores da vida adulta. Primeiro, a infância nunca abandona as suas moradas noturnas. Muitas vezes uma criança vem velar o nosso sono. Mas também na vida desperta, quando o devaneio trabalha sobre a nossa história, a infância que vive em nós traz o seu benefício. É preciso viver, por vezes é muito bom viver com a criança que fomos. Isso nos dá uma consciência de raiz. Toda a árvore do ser se reconforta. Os poetas nos ajudarão a reencontrar em nós essa infância viva, essa infância permanente, imóvel, durável (BACHELARD, 2009, p.20, grifo do autor).

Manoel de Barros desafia a cultura adulta, desestabiliza certezas, aponta outros ângulos da realidade, “a imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão” (BACHELARD, 2013, p.18). Quando faz dos restos, do ínfimo, matéria de poesia, quando dá visibilidade às “coisinhas do chão”, dá novo vigor à linguagem e propicia o devaneio da imaginação. O jogo de *impossíveis* do menino, a “carregar água na peneira”, correspondem aos exercícios do poeta, no jogo sem regras de desacostumar a língua contaminada de necessidade. Pela imaginação, a poesia em *devir* criança como os devaneios quando voltados para a infância renovam a vida em sua integralidade, sacodem a poeira do olhar, restaurando em sua



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

fugacidade a totalidade do sentir sem as totalizações conceituais do pensamento ordenado. Faz nova, de novo, a visão dos olhos cansados de ver.

PALAVRAS-CHAVE: Manoel de Barros; Exercícios de Ser Criança; Poesia Brasileira; Infância.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Os pensadores**. Trad. Antônio da Costa Leal. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999. Não paginado.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO